

**RIESZ, János(1998), *Französisch in Afrika. Herrschaft durch Sprache* (A língua francesa em África. A dominação pela língua). Frankfurt/M: Verlag für Interkulturelle Kommunikation, 1998.**

José Carlos Venâncio\*

*Französisch in Afrika...* é mais um livro de János Riesz, um dos africanistas (ou africanólogos) alemães mais conhecidos. É professor catedrático de Literatura Comparada na Universidade de Bayreuth, uma universidade jovem, criada em meados dos anos 70, que desde então tem apostado na investigação e no ensino da realidade africana como um dos factores diferenciadores. O livro em apreço é, de certa forma, a continuação de um outro livro, publicado em 1993, *Afrikanische Mythen - Afrikanische Antworten* (Mitos africanos - Respostas africanas). Inserem-se ambos num projecto sobre as literaturas francófonas na África Ocidental e Central que, por sua vez, faz parte de uma linha de investigação específica (Sonderforschungsbereich) sobre a questão da identidade em África, iniciada em 1984 e terminada em 1997.

O livro compõe-se de três partes: “A luta pela língua francesa”, “a luta pela literatura africana” e, como terceira e última parte, “a guerra de papéis (‘Papierkrieg’) entre a Europa e a África”. É propósito do autor passar em revista o contributo de um dos idiomas da colonização europeia em África, o francês, para a consolidação do regime colonial. Fâ-lo a partir do testemunho dos próprios africanos, registados em textos quase sempre literários e escritos em língua francesa e que, como tal, tanto deixam transparecer o sentido de dominação em apreço, como também o de apropriação e, conseqüentemente, o de identificação.

Vários são as temáticas desenvolvidas no livro a merecerem destaque. Dadas as contingências de uma recensão crítica, limito-me

\* Universidade da Beira Interior. Centro de Estudos Africanos da Universidade do Porto

a realçar os capítulos que se debruçam sobre a questão da assimilação, enquanto modelo de integração social e política privilegiado, os capítulos que tratam da literatura colonial e os que, na terceira parte do livro, no âmbito da “guerra de papéis”, retratam a situação pós-colonial, mormente a que diz respeito à vivência na ex-metrópole.

Estas temáticas suscitarão, segundo penso, especial interesse junto dos investigadores portugueses por razões que se prendem com a semelhança entre as políticas de colonização levadas a efeito pela França e por Portugal. Como acontecera com a colonização francesa, também a portuguesa privilegiara a assimilação à associação, configurando tais experiências o que Riesz admite ser o modelo latino de integração. Não obstante a associação ter tido defensores em França (o que igualmente aconteceu em Portugal), acabou por nunca se impor como modelo e política a seguir. Diferentemente foi, como igualmente frisa, a experiência colonial da Inglaterra e da Holanda, que a privilegiaram.

A segunda temática a interessar à africanística portuguesa é a que se prende com a literatura colonial que recebe no livro uma dedicação especial, não só no que diz respeito à descrição como à teorização. Por razões várias, o mundo académico português tem negligenciado o estudo deste género literário que terá, porventura, particularidades que, ao serem relevadas, tanto poderão valorizar a tradição literária portuguesa, como as próprias literaturas africanas. No que se refere à diáspora africana, Portugal, na situação de ex-metrópole colonial, tem sido destino privilegiado da emigração e do exílio de muitos africanos, cuja presença começa a ganhar, como acontece em França, espaço de intervenção em domínios da cultura cultivada nacional, transpondo, dessa forma, a condição étnica a que estão, em princípio, os africanos imigrados confinados. Intervindo directamente no mosaico cultural, literário e identitário do país de acolhimento, configuram estes mesmos africanos um processo de permeabilização cultural a que a crítica pós-moderna (não de forma muito feliz, diga-se!) tem chamado de hibridização.

*Französisch in Afrika...* será brevemente editado em francês, pelas edições Karthala, altura em que os leitores de língua portuguesa poderão mais facilmente aceder a um conjunto de reflexões, argumentos e descrições que, pelo seu olhar descentrado e simultaneamente profundo, valem, sem dúvida alguma, como um novo alento da africanística europeia.